

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA  
MODALIDADE À DISTÂNCIA.**

**MICHELLE BREMM**

**PROJETO DE APRENDIZAGEM**

**Uma metodologia que visa à autonomia**

**Porto Alegre**

**2010**

**MICHELLE BREMM**

## **PROJETO DE APRENDIZAGEM**

**Uma metodologia que visa à autonomia**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial e obrigatório para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura/Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**Professora orientadora: Maria Elly Genro**

**Tutora: Caroline Azi Corrêa**

**Porto Alegre**

**2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor :** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-reitora de Graduação:** Prof<sup>a</sup> Valquiria Link Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me amparar e me dar forças em todas as horas em que eu pensei que não conseguiria mais.

À minha família por estar presente e ter acreditado em mim. Especialmente à minha mãe por todos os sacrifícios enfrentados e mesmo assim ainda encontra forças para me dar forças, minha sogra pelo apoio constante e por sofrer junto comigo, aos meus irmãos e cunhada, simplesmente por me ouvirem.

Ao meu marido Alexandre de Oliveira por ter me incentivado, compelido quando eu pensei não conseguir.

À minha filha pelas horas em que ela compreendeu que eu não poderia estar com ela e sim me dedicando ao trabalho.

Ao meu cunhado Adriano de Oliveira, pelos conselhos, orientações e valiosos debates sobre educação, e que embora tenhamos pontos de vistas nos respeitamos e aceitamos as diferenças.

À amiga de todas as horas Ana Adália Silveira Martins, por ter lido meu trabalho e me auxiliado nos momentos mais difíceis pelos quais passei durante este curso.

À amiga Sirlei Wolschick de Souza por estar presente em todos os momentos, principalmente incentivando e auxiliando em todos os aspectos.

Aos professores e tutores que pelo profissionalismo e dedicação com que trabalhavam me ajudaram a chegar até aqui.

Agradecimento especial também à minha orientadora Maria Elly Genro, pela grandiosidade de visão e ideias inspiradoras. Bem como à tutora Caroline Azi Corrêa, por todo o auxílio e compreensão.

Aos meus alunos que são minha inspiração e esperança no futuro.

A todos os meus amigos que de uma forma ou de outra contribuíram com a minha formação.

Dedico este trabalho a minha cunhada irmã Adriana de Oliveira (in memoriam) por ter me incentivado no início deste curso, por ter acreditado que eu era capaz e por estar presente, mesmo que em espírito.

“Eterno, é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata....”

Carlos Drummond de Andrade

## **RESUMO**

Este trabalho é resultado da análise da experiência de estágio realizada no último semestre do curso de Pedagogia. Tem como objetivo explorar práticas pedagógicas que podem levar a uma aprendizagem significativa e refletir sobre a possibilidade de desenvolvimento da autonomia dos alunos por meio da metodologia de Projetos de Aprendizagem (PA). Neste estudo, a prática é descrita e fundamentada teoricamente por autores como Paulo Freire e Fernando Becker que serviram de apoio e inspiração para as reflexões apresentadas. O presente estudo foi realizado com uma turma de terceiro ano das séries iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal da cidade de Novo Hamburgo – RS.

Palavras Chave: Projetos de Aprendizagem. Educação. Construção da autonomia.

## **ABSTRACT**

**This work is outcome of the internship experience held last semester of Pedagogy. Aims to explore teaching practices that can lead to significant learning and reflect on the possibility of autonomy development of students through the methodology of Learning Projects (BP). In this study, the practice is described and theoretically justified by authors such as Paulo Freire and Fernando Becker served as support and inspiration for the reflections presented. This study was conducted with a group of third year of the first grades of elementary school in the Municipal town of Novo Hamburgo - RS.**

**Keywords: Learning Projects. Education. Building autonomy.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA POTENCIALIZAÇÃO DA AUTONOMIA .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>PROJETO DE APRENDIZAGEM (PA) NO CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1</b>	<b>Projeto de Aprendizagem .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2</b>	<b>Anos Iniciais.....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>RELATO DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA .....</b>	<b>20</b>
<b>4.1</b>	<b>Práticas no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.....</b>	<b>20</b>
<b>4.2</b>	<b>O olhar do educando e do educador sobre a autonomia .....</b>	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A experiência da prática de estágio desencadeou várias aprendizagens e reflexões sobre muitas concepções arraigadas. Foi um momento em que ao mesmo tempo em que se buscava o pleno desenvolvimento do aluno-sujeito, ainda se buscava os meios para que este fosse possível. Foi escolhido trabalhar com uma arquitetura pedagógica<sup>1</sup> que realmente contemplasse todos os pontos necessários para a aprendizagem. Desta forma foi escolhido o trabalho com Projetos de Aprendizagem.<sup>2</sup>

Esta prática foi realizada com alunos de 3º ano de 9 anos do ensino fundamental – séries iniciais – com a faixa – etária entre 8 e 12 anos em uma escola da rede municipal da cidade de Novo Hamburgo RS. Foram realizadas várias parcerias com outros professores, coordenadora, orientadora e direção da escola para que a experiência tivesse sucesso e realmente promovesse alguma mudança no âmbito escolar.

O trabalho ainda pretende relacionar teoria e prática, proporcionando uma visão de uma proposta democrática, onde os envolvidos observados são percebidos como sujeitos e agentes de sua própria aprendizagem e ainda busca responder à questão de investigação - Qual é a importância do Projeto de Aprendizagem no processo de interação dos alunos, tendo como princípio o desenvolvimento da autonomia nos mesmos?

No primeiro capítulo justifica-se a escolha pelo tema a ser pesquisado levando em consideração a sua importância e influência percebida nos alunos através da prática. Definindo ainda conceitos de autonomia e educação. No decorrer do segundo capítulo abordam-se as questões referentes à arquitetura pedagógica utilizada, suas possibilidades e

---

<sup>1</sup> Uma arquitetura pedagógica, segundo Nevado (2009) é um suporte estruturante para a aprendizagem, que acerca-se e precisa de vários elementos como abordagem pedagógica, software, internet, inteligência artificial, concepção de tempo e espaço. Para ver mais <http://senaedpedagogiaead.wordpress.com/2009/05/31/arquiteturas-pedagogicas-no-pead/>

<sup>2</sup> Projeto de Aprendizagem (PA) segundo Costa e Madaglena O trabalho com Projetos de Aprendizagem configura uma situação aberta, desestabilizadora, cujos caminhos e resultados não são pré-determinados e nem conhecidos de antemão pelos docentes. Nesta prática, os alunos, reunidos em pequenos grupos formados por interesses comuns em torno de um fenômeno que querem entender, levantam questões de investigação; buscam, organizam e comparam informações; elaboram e publicam seus achados, socializando tanto o processo desenvolvido, quanto os resultados alcançados, na medida em que o trabalho se desenvolve.

dificuldades. O terceiro capítulo traz a caracterização dos sujeitos envolvidos no processo, bem como o relato da prática, a mudança que esta produziu e para finalizar o olhar dos docentes sobre a autonomia, questão fundamental deste estudo. No último capítulo são apontadas as considerações finais a respeito do tema e seu valor de discussão, ou seja, a relevância de debater a questão da autonomia no processo de ensino-aprendizagem.

## 2 EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA POTENCIALIZAÇÃO DA AUTONOMIA

Para compreendermos como é possível potencializar a autonomia em nossos alunos, primeiramente se fazem necessárias algumas abordagens do que este conceito implica em termos de educação. É imprescindível discutir as bases que norteiam este trabalho. Tendo em mente que o desenvolvimento moral passa por fases distintas, começa com a anomia que representa a negação da lei, das regras; depois passa pela heteronomia quando a regra vem do outro, do exterior e por fim chega-se a autonomia que é a capacidade de governar a si mesmo.

No dicionário Aurélio 2010 uma das definições de educação é a ação de desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais. Mas é necessário pensar em termos amplos e restritos. Em termos restritos podemos observar o que Freire (1983) nos diz:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, o esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 1983, p. 104)

Neste contexto este autor nos traz uma consciência tão simples e ao mesmo tempo poderosa do que pode e deve ser a educação, ela pode ser transformadora. Se visualizamos o sujeito, complexo e único que é o aluno, levaremos em conta todo o seu potencial. Muito mais do que dar a palavra, trocaremos ideias e assim como num ciclo, ouviremos além de falar. Exigindo reinvenção, sai-se do conformismo e do comodismo que leva a atitudes sempre repetitivas e descontextualizadas, que é o que acontece na transmissão de conteúdos, por exemplo.

No sentido amplo também cabe as palavras deste autor:

De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do ‘eu me maravilho’ e não apenas do ‘eu fabrico’. (FREIRE, 1983, p. 93)

Desta forma precisamos pensar que a educação leva á algum lugar, ou seja, ela deveria levar o aluno a refletir sobre seu tempo e espaço e não apenas repetir o que lhe dizem disto ou daquilo. Por isso que ela, a educação, quando se refere ao nível global, mais amplo, quanto quando ela fala de um nível mais específico, como a prática em sala de aula, o que deve ser considerado é o sujeito, e principalmente a descoberta deste sujeito, enquanto aluno, mas prioritariamente enquanto ser, que existe e que precisa tomar consciência desta existência.

A educação precisa ser pensada e refletida em todas as suas formas, tanto pela escola, quanto pela comunidade e pelo governo. Será através de reflexões e estudos da realidade que poderá se alcançar a qualidade tão sonhada por vários educadores. Mas ainda há que se convencer grande parte de educadores que estão no outro extremo, ou seja, aqueles que ainda continuam com seus métodos tradicionais modificados com floreios que aparentam certa mudança, que na verdade não existe. Pois segundo Freire “... o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco.” (1996, p. 93). É isto que todos os educadores deveriam compreender, pois se decidir é romper, isto vale tanto para o aluno quanto para o professor, é possível romper com o ultrapassado e tentar o novo.

Se na escola o aluno-sujeito torna-se capaz de assumir a responsabilidade de suas ações, na vida social que se desenrola fora da escola, ele também fará o mesmo, ou seja, se tornará capaz de refletir e assumir a sua responsabilidade. E esta é a educação que Freire sonhava e esta é uma educação possível. Começar a mudança no aluno e com o aluno. Não sem refletir esta mudança primeiro, porque a mudança exige um refletir, um encontrar as causas, porque “É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade ou preenchendo o ‘espaço’ antes ‘habitado’ por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na *responsabilidade* vai sendo assumida.” (FREIRE, 1996, p. 94).

Por isso é preciso pensar nesta potencialização da autonomia nas duas frentes, ou seja, no aluno e no professor. Cada um construindo e fundamentando sua capacidade de tornar-se autônomo para juntos superar as adversidades e construir uma educação crítica e de responsabilidade. Levando em consideração outro elemento fundamental neste processo que é a busca por subsídios teóricos para dar suporte a prática, para que fique clara a sua posição e principalmente a sua intencionalidade pedagógica. Porque o professor precisa assim como o aluno perceber-se não sabedor de tudo e sim um ser incompleto, como cita Freire (1996 p. 50) “Onde há vida, há inacabamento”, pois assim fica-se aberto para o novo e o novo não é tradicional, não nos dias atuais.

### **3 PROJETO DE APRENDIZAGEM (PA) NO CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES**

O PA tem como objetivo promover a interdisciplinaridade que por sua vez busca superar a fragmentação de conteúdos e esta arquitetura pedagógica compreende a necessidade de contextualização e articulação do conhecimento, considerando primeiramente as dúvidas temporárias e as certezas provisórias que cada grupo tem. Trata-se, portanto de um projeto coletivo de aprendizagem que visa à busca do conhecimento e a construção de conceitos pelos próprios alunos.

Esta proposta pedagógica também busca valer-se de diferentes recursos tecnológicos para que a pesquisa e os registros possam ser feitos durante todo o processo, permitindo uma visualização constante do todo, bem como afirma Nevado, Carvalho e Menezes (2007, p. 121) “Utilizando a internet, os alunos podem explorar ambientes, gerar perguntas e questões, colaborar com os colegas e produzir conhecimento coletando e compartilhando informações com os outros, trabalhando cooperativamente em projetos de aprendizagem”.

Esta arquitetura permite que os alunos debatam e dialoguem sobre suas experiências, curiosidades e necessidades de conhecer. Este intercâmbio de ideias inicial busca promover a base de todo o processo, pois se espera que neste momento os alunos comecem a perceber a importância do diálogo para o bom andamento do projeto. Este diálogo também contribui com a experimentação da atitude de opinar, ou melhor, refere-se àqueles alunos em que nem sempre querem participar, na maioria das vezes por timidez, e esta abertura de todos tanto professor quanto colegas-alunos, permite ao aluno testar-se neste sentido.

Um exemplo citado por Paulo Freire (2000, p. 80) é extremamente comparativo do uso de projetos de aprendizagem, quando ele diz que

O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.

Da mesma forma se dá a construção do conhecimento através do PA, o aluno-sujeito constata não sozinho, mas em grupo e através disso consegue interferir, modificar, é uma ação gerada pela necessidade de saber algo e quando sabemos modificamos nosso modo de agir.

### 3.1 Projeto de Aprendizagem (PA)

Para trabalhar com projetos de aprendizagens é necessário antes de tudo conhecê-lo, compreendê-lo, pelo menos em sua essência, pois esta é uma arquitetura pedagógica que não nos traz um manual, não nos apresenta um passo a passo, mas sustenta-se em referenciais teóricos e, também, o descobrimos na experiência do cotidiano educativo.

A práxis de um PA, vai englobando o indivíduo, levando-o ao experimento, à busca e neste ciclo ao conhecimento. Com este argumento, concorda (Oliveira, 2003, p. 23) que cita Freire: “Freire concebe o ser humano como ‘ser de busca’ porque percebe-se inacabado e ‘que não sabe de tudo’, busca o saber, o conhecimento e o seu aprimoramento como ser humano, ou seja, por saber-se inacabado é que busca a perfeição.”

E uma das ferramentas pela qual se chega ao conhecimento é o diálogo,

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1983, p. 115)

Muitos destes sentimentos podem ser observados nas relações de alunos no grupo, entre grupos e com o professor. Quando o diálogo é instaurado e faz-se presente as coisas acontecem, a realidade é debatida e de várias maneiras confrontadas e esta movimentação de ideias e opiniões eleva o nível de conhecimento dos alunos.

Usar uma arquitetura pedagógica como o PA é ir ao encontro da proposta educacional explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997, p. 27), ou seja, um ensino de qualidade “se expressa com a possibilidade do sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira.” Que, além disso, “considere os interesses e motivações de todos os alunos e garanta todas as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e

participativos.” (PCNs, 1997, p. 27) Este objetivo está intimamente relacionado à prática em questão, pois tem como foco a capacidade do aluno-sujeito “atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.” (PCNs, 1997, p. 27).

Quanto aos conteúdos, que preocupam tanto os professores, por precisarem ser transmitidos a tempo, Nevado, Carvalho e Menezes (2007, p. 135) expressam:

A situação de Projeto de Aprendizagem pode favorecer especialmente a aprendizagem de cooperação, com trocas recíprocas e respeito mútuo. Isto quer dizer que a prioridade não é o conteúdo em si, formal e descontextualizado. A proposta é aprender conteúdos, por meio de procedimentos que desenvolvam a própria capacidade de continuar aprendendo, num processo construtivo e simultâneo de questionar-se.

Pois se a visão de aprendizagem muda, como trocando a importância do professor em ‘transmitir’, pensando que é desta forma que o aluno aprende e passando a valorizar os meios pelos quais os alunos podem obter e construir esta aprendizagem através de um processo, descentralizando os conteúdos e buscando a interdisciplinaridade podem-se desenvolver situações de aprendizagens.

O papel do professor e do aluno se cruza, ou seja, “O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” (FREIRE, 1996, p. 86).

Há a necessidade de uma troca, de um trabalho em conjunto para que ocorra a aprendizagem, de um lado e de outro, pois o “exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ do seu objeto.” (FREIRE, 1996 p. 86) desta forma um dos pilares de uma arquitetura como os PAs vai se solidificando, é a curiosidade que move e o constante diálogo que faz o conhecimento se tornar algo concreto.

Um exemplo disto são as descobertas feitas através da tecnologia. Nestes momentos os alunos dialogam e discutem, argumentando com prós e contras de determinadas informações,



como por exemplo, a fala de um dos alunos, observados neste estudo exploratório<sup>3</sup> diz que a Cuca não é tão ruim como se parece, pois ela praticamente vive sozinha naquele pântano e não tem contato com humanos e por isso não sabe se relacionar, e outro aluno responde dizendo que se ela não fosse tão malvada, com certeza o pessoal do Sítio que é gente bacana a aceitariam sem problemas. Percebe-se que a questão das relações são importantes para o desenvolvimento do sujeito e ao mesmo tempo nos mostra valores de que existe a maldade que é culpa dela “Cuca” e existe “gente bacana”, ou seja, gente de bem. Estas novas percepções dos alunos vão reunindo-se para construir a sua autonomia, pois a partir do debate eles vão trocando ideias e opiniões e principalmente expondo sua concepção de valores, permitindo assim a visão do outro e entendendo que cada um pode divergir do outro.

Este tipo de argumentação era constante, enquanto os alunos iam descobrindo mais e mais informações, mais eles refletiam e conversavam sobre o que encontravam, comparando com as certezas provisórias que já possuíam. Então ficava perceptível, esta relação de que o buscar e o pensar sobre, produziam e promoviam mudanças no próprio modo de pensar dos alunos.

Esta proposta, num segundo momento deve ser intercalada com a realidade do aluno. Quando já se apropriou da habilidade de buscar é que exploramos o que está ao nosso redor, com uma nova perspectiva, uma nova versão de como as coisas são e de como poderia ser, ou seja, compreendemos que podemos buscar o que quisermos, desde informações do próprio bairro<sup>4</sup>, como a percepção das consequências de se estar neste meio. “Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-se e buscar continua em pé.” (FREIRE, 1996, p. 88). É a realidade que se encontra dentro da sala de aula, são questões que inquietam os alunos e esta inquietação leva à busca de tentar compreender o porquê desta realidade se apresentar desta forma.

### **3.2 Anos Iniciais**

---

<sup>3</sup> Os grupos de PAs se dividiram entre curiosidades sobre os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, obra de Monteiro Lobato. Aqui em debate o grupo número 2, que tinha como objeto de estudo a Cuca.

<sup>4</sup> O bairro em questão, ou seja, o local em que foi realizada esta proposta é bastante violento. É constante a intervenção da polícia em casos de agressões e de tráfico de drogas e a maioria dos alunos convive diariamente com estas situações em sua volta.

As séries iniciais são o ponto de partida na trajetória escolar e na tomada do desenvolvimento da autonomia reflexiva da criança, por isso, a construção da criticidade tem seu início nos primeiros anos do ensino fundamental. Assim como nos diz Becker (1993, p. 19)

Não basta ter nascido para ser sujeito de conhecimento. Um corpo é dado por hereditariedade; um sujeito construído passo a passo, minuto a minuto, por força da ação própria. Ação no espaço e no tempo. Ação sobre o meio social, econômico, cultural, nunca ação no vazio.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1997) o ensino fundamental faz parte da educação básica, que por sua vez tem como finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Neste aspecto já está embutida na lei a perspectiva de que o aluno precisa ser visto como sujeito, pois só assim conseguirá exercer a cidadania.

Seguindo com as especificidades da LDB, em seu Artigo 26, §1º

Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

Para tanto é preciso que a escola esteja preparada para discutir e dialogar com a realidade dos alunos, para que esta cidadania seja construída, não importando o quão novos possam ser os alunos. Pois ainda de acordo com a LDB:

**Art. 32º.** O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I** - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II** - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III** - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV** - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (1997, p. 12)

Todos os objetivos traçados para o ensino fundamental, visam a autonomia dos alunos, o que quer se mostrar neste trabalho é a relação de ambos, ou seja, da prática com projetos de aprendizagens e os objetivos do ensino fundamental. O diálogo e respeito às diferenças

perpassam pelo que deveria ser contemplado nas séries iniciais. E ainda entra outro ponto fundamental que deve ser ressaltado que é o fortalecimento dos vínculos de família, que interpretando-se pode-se observar que a LDB (1997) sinaliza para a importância da família, dos seus laços com a escola e da importância dos mesmos para o total desenvolvimento do aluno.

Neste sentido é possível sonhar e até mesmo visualizar uma

“Educação que o colocasse [o sujeito] em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos.” (FREIRE, 1983, p. 90),

Pois o PA compreende que

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo. (FREIRE, 1996, p.27)

Neste ponto chegamos às dificuldades encontradas ao se trabalhar com PAs nas séries iniciais. Pois como o aluno ainda está em processo de adquirir as "técnicas" de leitura, torna-se difícil a compreensão de certos textos encontrados, mas por outro lado, existe a solidariedade e o comprometimento dos grupos em auxiliar o colega nesta compreensão e juntos eles conseguem superar esta barreira da não-compreensão.

Ainda em se tratando de dificuldades, outra que é necessária citar é a dificuldade de adequar o tempo com o processo de construção dos PAs, pois a escola já possui uma organização formal, considera os conteúdos que devem ser dados em tal trimestre, por exemplo, e para isto se necessita de grandes ajustes entre uma coisa e outra. Levando o professor a buscar soluções juntamente com os alunos. Isto está explicitado nos PCNs (1997, p. 63) “... são importantes as atividades em que o professor seja somente um orientador do

trabalho, cabendo aos alunos o planejamento e a execução, o que os levará a decidir e a vivenciar o resultado de suas decisões sobre o uso do tempo. Também faz parte do processo, mas é desgastante se a instituição não apóia ou não sinaliza para uma abertura de espaço para a mudança.

## **4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO**

A prática foi realizada numa Escola Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Novo Hamburgo, RS. A mesma localiza-se num bairro da zona norte do município, onde atende 630 alunos entre as séries que vão da Educação Infantil ao 7º ano. Com uma turma de 3º ano das séries iniciais compreendendo 26 alunos, com idades que variavam entre oito e doze anos. A escola em questão possui um laboratório de informática, contendo 26 computadores e diferentes recursos como fones de ouvido, microfones e data show, que ficaram disponíveis para o uso dos alunos. Foi realizada uma parceria com a professora do Laboratório de Informática Educativa (LIE), que acompanhou e auxiliou em todas as etapas de elaboração do trabalho neste ambiente.

### **4.1 Práticas no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa**

Neste contexto pode-se usar como base a prática realizada. Onde foi iniciada através do interesse dos alunos sobre a obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo* de Monteiro Lobato. Os alunos dividiram-se em grupos de acordo com o interesse por determinados personagens e neste momento perceberam que estavam com colegas que de costume nunca se aproximavam. Tiveram que adaptarem-se uns aos outros, aceitarem os demais como integrantes do grupo e aos poucos foram percebendo que o diálogo no grupo era um facilitador e que auxiliava muito mais do que manter uma postura individualista. Depois deste início de ajustes, cada grupo realizou a formulação das questões de investigação, ou seja, a sua curiosidade e interesse foram emergindo através das conversações para juntos chegarem há um senso comum, ou melhor, há uma única questão que seria por todos investigada.

A próxima tarefa era realizar o levantamento das dúvidas temporárias e das certezas provisórias que cada grupo tinha sobre determinado personagem. Tudo foi devidamente registrado primeiramente em cartazes e fixados na sala de aula. Em seguida era preciso que os grupos confeccionassem os planos de ação, estipulando as metas de cada semana, incluindo

aqui uma lista detalhada do que cada integrante pesquisaria. Vale lembrar que esta organização era de inteira responsabilidade dos grupos, ou seja, cada grupo montaria os arranjos que lhe fossem convenientes.

Com a disponibilidade de um laboratório de informática na escola, com internet, a maioria das pesquisas foi feita nesse meio, no entanto muitos alunos contribuíram com os seus grupos trazendo para a sala livros, revistas e alguns grupos até mesmo entrevistas que eles mesmos formularam e fizeram com familiares. Percebeu-se que no início do trabalho com os PAs, os alunos sentiam bastante dificuldades em selecionar as informações encontradas na internet. Um dado importante neste período era a intervenção da professora, que procurava levantar discussões gerais acerca do melhor modo de prosseguir, do que poderia ser válido em cada trabalho e este confronto de ideias, permitia aos alunos, mais uma vez desenvolver sua autonomia através do próprio diálogo e tomada de decisões com seu grupo. Pois como diz Moraes (2002, p. 141)

A pesquisa em sala de aula constitui-se numa viagem sem mapa; é um navegar por mares nunca antes navegados; neste contexto o professor precisa saber assumir novos papéis; de algum modo é apenas um dos participantes da viagem que não tem inteiramente definidos nem o percurso nem o ponto de chegada; o caminho e o mapa precisam ser construídos durante a caminhada.

Tomando ainda como exemplo as pesquisas, debates e sintetização das informações encontradas, cabe ao professor aproveitar a experiência social dos alunos para discutir aspectos da realidade e possibilitar o confronto entre as suas próprias visões de mundo com outras visões de mundo, bem como estimular trocas de experiências entre o grupo, fazer análises de suas concepções sob outros pontos de vista, provocando, assim, o questionamento de suas próprias idéias e atitudes. Desta maneira consegue-se desafiá-los a atuarem como sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Depois de muito trabalho era chegada a hora de confeccionar os mapas conceituais<sup>5</sup> que foram intitulados de mapas conceituais simplificados, pois apresentavam características e não conceitos. Esta atividade foi riquíssima, pois os alunos perceberam o quanto haviam descoberto até o momento, vibrando e compartilhando com os colegas.

---

<sup>5</sup> De acordo com o seu criador Joseph Novak um mapa conceitual é uma ferramenta que serve para organizar e representar conhecimento. Para saber mais: <http://mapasconceituais.cap.ufrgs.br/mapas.php>

Para os registros de todo o processo foram utilizados primeiramente cartazes e na sequência foram usados o Pbworks<sup>6</sup> e diversas ferramentas do computador para registrar os dados das pesquisas e desdobramentos da mesma. Houve toda uma adaptação e empolgação inicial quanto ao uso dos recursos que o computador oferecia, de modo que tudo que era planejado para o dia, desdobrava-se em mais dias em função da novidade que este representava. Mas no final todos os registros eram feitos com maior agilidade, pois os alunos já haviam se familiarizado com o uso do computador.

A divulgação dos resultados para os demais grupos aconteceu através da montagem de peças de teatro e apresentações orais. Eles partilhavam alegrias e expectativas acerca do seu tema. As frustrações não foram esquecidas, como por exemplo, a internet estar lenta em determinados momentos ou então o laboratório não estar disponível em outros, o que ocasionava certo atraso temporário.

Durante todo o processo de construção dos PAs, foi observado o aumento da responsabilidade individual e com os grupos, pois cada integrante sabia que determinado item era também de responsabilidade dele, para que quando o grupo socializasse o que tinham encontrado até o momento, cada um tivesse uma contribuição a fazer. Não era preciso que a professora interferisse neste aspecto, pois os grupos por si só foram percebendo esta necessidade.

Não é fácil ter que orientar quatro, cinco grupos de alunos com assuntos por vezes totalmente diferentes, até porque cada grupo necessita de uma atenção diferenciada, mas a partir do momento que os alunos descobrem como seguir, que eles se organizam e entendem a importância desta organização, então o trabalho rende. Através desta organização, se percebe que o grupo construiu objetivos e traçou metas para alcançá-los, e uma vez alcançadas serve de motivação para traçar mais e este movimento os incita a ir adiante até descobrir o que quer que estejam pesquisando, nos mais diversos temas.

A liberdade de opinião foi amplamente debatida nos grupos. É necessário fazer um parêntese aqui para reafirmar o quanto os alunos evoluíram neste quesito, pois no início alguns não queriam que os outros falassem e outros não se sentiam à vontade para fazer nenhum tipo de manifestação e tudo isto foi se modificando. Com o decorrer do tempo, os próprios alunos entenderam que era mais produtivo quando a decisão por um determinado

---

<sup>6</sup> Pbworks (antes conhecido por PBwiki) de acordo com definição da Wikipédia é uma ferramenta eletrônica para construção de páginas web de fácil manejo e uso por usuários leigos. Ela permite que múltiplos usuários editem e alterem seu conteúdo através de um sistema de múltiplas autenticações simultâneas.

caminho, por exemplo, fosse tomada por todos, pois assim todos se sentiam mais seguros, mesmo que num primeiro momento as coisas não acontecessem como eles esperavam.

A avaliação do próprio trabalho enquanto educando, enquanto educador torna-se permanente, tudo é levado em consideração, questões como se fez tudo que poderia ter feito, se houve dedicação e interação com o grupo, se soube aceitar opiniões contrárias às suas. Tudo isso viabiliza a aprendizagem e a reconstrução do próprio processo em andamento. É a educação sendo vista da perspectiva do conhecimento, da aprendizagem e não da perspectiva do treino. Pois o trabalho coletivo estimulará as relações e as facilitará, permitindo que se olhe para os lados e compreenda e auxilie o outro, não apenas a si mesmo.

O PA torna-se um processo contínuo e simultâneo de indagar-se. Possibilitando o desenvolvimento da criatividade, da comunicação, do respeito aos demais, da interlocução de conteúdos e principalmente da interação e colaboração entre os pares. Todos estes aspectos foram observados durante a prática realizada.

Cabe lembrar que os alunos fizeram uso de câmeras fotográficas, tanto da professora, quanto deles para realizar registros e filmagens. No início esta ferramenta foi levada pela professora, mas depois os próprios alunos quiseram utilizá-la para registrar os momentos que nas palavras deles “não poderiam ser perdidos!”. No princípio alguns alunos demonstravam timidez ao serem filmados, mas depois estes mesmos alunos pediam para que fossem filmados explicando esta ou aquela descoberta realizada. Podem-se tecer aqui dois pontos importantes, o primeiro foi a apropriação do uso da câmera fotográfica o segundo foi a consciência da importância do registro feito pelos alunos. Freire (1996, p. 118) nos diz o seguinte:

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça.

Esta verdadeira relação entre professor e aluno que o autor fala, encontra-se na base de toda a aprendizagem porque como foi percebido nesta prática, não se alcança o aluno quando não se conversa com ele. Quando não dá abertura ao diálogo.

Muitas coisas são fundamentais no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, dentre elas está a curiosidade que move e leva o sujeito à busca, ou melhor como explica Freire (1996, p. 85)



A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

Pensando que a sociedade de amanhã será formada por nossos alunos, devemos pensar em que tipo de sociedade queremos no futuro. Neste sentido o ponto primordial é pensar em que mudanças devem ser feitas hoje, queremos um cidadão consciente? Reflexivo? Capaz de questionar? Então façamos hoje, na prática esta mudança, porque a responsabilidade da mudança é de todos.

Para se mudar uma realidade educacional, preciso reconhecer que “meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (FREIRE, 1996, p. 77) é necessário que saíamos do conformismo de que tudo é assim mesmo, precisamos acreditar em nossos alunos e principalmente acreditar em nós mesmos, como professores e como agentes de mudanças. Como ainda salienta Freire (1996, p. 81):

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

O professor muito mais do que ser um articulador precisa conhecer, “ler” a experiência de seus alunos. Se queremos mudança, precisamos conhecer o que deve mudar, tanto no âmbito escolar como no da vida destes alunos, pois se eles fazem parte de uma determinada realidade, não adianta tentar deixar isto de fora, sem trabalhá-la, sem tentar conhecê-la . É como se falasse de grandes empresas e milhões de reais que são movimentados diariamente nestes locais, se o pão falta na mesa. Como passar despercebido o meio social do aluno? Não que não se deva falar, pois são coisas que de fato existem, mas o que se deve respeitar e saber enquanto professor é a realidade deste aluno, é partir daí para que eles através de uma reflexão - ação possa enxergar que a mudança é possível, pois “uma das tarefas fundamentais do

educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.” (FREIRE, 1996, p. 83) Esta sensibilidade precisa estar sempre presente para como educador poder de fato participar deste novo horizonte que se abre frente aos alunos.

Outra função do professor é também saber escutar, porque o diálogo, como já foi explicitado aqui, não é monólogo. “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.” (FREIRE, 1996, p. 113) Esta questão relaciona-se aos trabalhos com PAs e com o desenvolvimento da autonomia, pois uma vez que o diálogo acontece, as duas partes escutam e falam, tornando-se assim um debate, fazendo com que cada um sinta-se integrante de determinada situação, não apenas um espectador.

E neste aspecto, fala-se em grupo, porque nesta experiência a turma dividiu-se em cinco grupos, cada um com um tema. “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.” (FREIRE, 1996, p. 107) E isto é uma função de cada um dos integrantes dos grupos, ou seja, cada um vai descobrindo que é preciso se fazer presente nas tomadas de decisões, para que os planos funcionem e para que as respostas sejam encontradas. O grupo através do diálogo vai aos poucos compreendendo, construindo e exercitando a sua autonomia. São alunos do 3º ano das séries iniciais, mas a semente está plantada e irrigada, para que quando floresça, tenham-se cidadãos de fato conscientes de seu papel. Porque como diz Freire, “a gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada.” (FREIRE, 1996, p. 107) Por isso o estímulo às tomadas de decisões e há outros tipos de estímulos no sentido do desenvolvimento da autonomia precisa ser constante.

## **4.2 O olhar do educador e do educando sobre a autonomia**

Pode-se dizer que a construção da identidade do professor enquanto pessoa inicia-se com a socialização com a família, grupos de amigos, escola, etc, que é a socialização primária; após chega a socialização profissional que é o lugar no qual o professor em contato com outros colegas e com os alunos começa a seguir um modelo, um exemplo, digamos assim. Ele busca encontrar referências que se encaixem com ele e com os outros. E esta

construção inclui o desenvolvimento da autonomia do professor, que irá influenciar na sua prática e conseqüentemente na vida do aluno.

Pensando no ponto de vista do professor, faz-se necessária uma reflexão sobre como o professor pode desenvolver a autonomia em seus alunos se ele não pode exercer a sua? Como pensar em metodologias inovadoras e que de fato promovam mudanças, se não lhe é permitido este movimento enquanto professor? Se é dependente de uma grade de conteúdos curriculares? Assim como o ditado popular “Uma andorinha sozinha não faz verão” um professor somente sem apoio e engajamento da comunidade escolar, pouco ou quase nada pode mudar.

Por isso “Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo.” (FREIRE, 1996, p. 102) Todos precisam tomar partido, ou seja, se posicionar. O aluno precisa compreender e sentir através do exemplo do professor que é necessário se posicionar, a favor do que acha certo e do que é justo.

A questão que serviu de discussão neste trabalho é exatamente esta, a autonomia deve ser vista e sentida nas atitudes do próprio professor, para que então num trabalho conjunto o aluno- sujeito possa se tornar um sujeito que entende que deve ter direito a opção, que deve ajudar nas decisões e deve ser livre em corpo e pensamento, que pode ser um ser autônomo para assim perceber sua própria força e capacidade.

Como professor é preciso estar em sintonia com o aluno, e estar em sintonia significam manter atitudes de respeito, aceitar as diferenças e não deixar que estas lhe impeçam de ver o aluno como sujeito, pois “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 1996, p. 142) De que outro modo alcançaríamos o respeito senão pela compreensão do outro e de seu ponto de vista?

Se compreender o que me falta, vou buscar, se percebo que está errado, posso fazer o certo, se olho para o outro, consigo enxergar a mim mesmo, pois “no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhos é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.” (FREIRE, 1996, p.

94). E para ter esta percepção é necessário que o professor reflita sempre sobre a sua prática e sobre as suas concepções, desta forma, refletindo, questionando-se, interagindo e debatendo com os demais, uma nova luz aparecerá e talvez a consciência de que se possa fazer melhor, transforme este professor.

Mas analisando de uma forma real o hoje, podemos perceber que existe uma dureza, na concepção de transformação. Alguns professores não admitem sequer a inserção do uso da tecnologia em suas aulas, como se a tecnologia fosse lhe tirar o respeito e a autoridade, mas a verdade é que neste tipo de pensamento, de pré- conceito, está embutido o medo do novo, o receio de talvez o aluno saber mais. Pois como Freire (1996, p. 103) nos esclarece:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los.

E se a tecnologia está aí, presente em várias escolas, porque não usá-la? Por que não sair do tradicional ensino dos conteúdos e junto com os alunos conceber uma nova prática pedagógica? Dando-se o direito a novos horizontes? Meu testemunho precisa ser ético, se acredito que são somente os conteúdos que interessam, não posso fugir disto, mas se disposto a mudar e admitir que não sou dono de todo o saber, que os alunos podem e devem estar no meio e entre todo o processo de construção do conhecimento, se consciente disto procurar uma especialização na área tecnológica, por exemplo, então já estou no caminho da mudança.

Seria como Freire (1996, p. 62) anteriormente citado falou:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre.

Devemos pensar em modificar o ensino aos poucos, ou seja, alguns professores pensam que construir a autonomia dos alunos é deixá-los falar quando levantam o dedo, outros quando estes mesmos alunos podem sugerir algum conteúdo para ser trabalhado. Ora, de que forma a autonomia é desenvolvida pensando desta maneira? O professor precisa compreender que o processo educacional como está não é processo e sim uma eterna repetição do que vem acontecendo há tempos. Há que se pensar no dia a dia, no diálogo, na transformação da atitude de autoridade do professor para uma atitude de troca, de reflexão como já foi explicitado anteriormente.

Não adianta o professor dizer-se ter uma postura epistemológica interacionista<sup>7</sup> que visa o pensar sobre e as funções da ação na sala de aula, promover o diálogo e querer que os alunos produzam cópias aprimoradas de pensamentos e “verdades” já estabelecidas. Pois isto acontece na epistemologia empirista, como confirma Becker (1993, p. 334) “a epistemologia empirista constitui, em larga escala, e de forma quase totalmente inconsciente, o fundamento ‘teórico-filosófico’ da pedagogia de repetição ou da reprodução.” São os ditos floreios já citados neste texto.

---

<sup>7</sup> Na concepção epistemológica interacionista/construtivista, o conhecimento é entendido como uma relação de interdependência entre o sujeito e seu meio. Tem um sentido de organização, estruturação e explicação a partir do experienciado. É construído a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, interagindo com ele, sendo as trocas sociais condições necessárias para o desenvolvimento do pensamento. Para saber mais: [http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n\\_2/id02b.htm](http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n_2/id02b.htm)

## 5 CONCLUSÃO

Um aspecto bastante positivo da turma que serviu como exemplo para este estudo exploratório é a curiosidade sempre presente. Estavam sempre dispostos a querer saber mais e mais e a partir dos PAs eles desenvolveram habilidades que permitiram buscar e saber como construir as respostas.

Esta metodologia rompe com o tradicionalismo<sup>8</sup> encontrado em muitas escolas, exige uma atitude de constante reflexão do professor e de toda a comunidade escolar, quanto a sua concepção de conhecimento, aprendizagem e educação. Exige que o professor se desacomode e corra riscos, riscos de talvez não saber responder ou ter que admitir que não sabe e ainda assim manter uma postura de liberdade para junto com o aluno buscar a solução.

A criatividade foi outra constante nas aulas, pois os alunos utilizavam-se dela para encontrar diferentes saídas para determinados problemas, como o que fazer se o que tinham programado para aquele dia, não aconteceu? Ou mesmo de que forma registrar o que foi encontrado? Tudo era debatido e decidido em grupo.

Outro ponto válido deste estudo feito sob o olhar da autonomia foi a conquista observada na atitude dos alunos quanto a pesquisa, pois os alunos fizeram dela um hábito, compreenderam que não precisavam ficar esperando pelo professor, mas que poderiam buscar e discutir com os colegas para chegar a uma conclusão. Não só a busca de conhecimento, mas a capacidade de saber o que fazer com ele. E neste aspecto o que muito auxiliou foi o uso de diferentes mídias, como filmagens, imagens e sons que contribuíram para que a aula se tornasse atrativa e dinâmica. Pois precisamos compreender que

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se,

---

<sup>8</sup> A escola tradicional é uma instituição centrada no professor. Que tem como tarefa transmitir conhecimento científico e cultural ao aluno. Cabe ao professor ensinar e ao aluno aprender. Para saber mais consultar: [http://books.google.com.br/books?id=up9kYT\\_hH0YC&pg=PA10&dq=a+escola+tradicional&hl=pt-br&ei=81jpTJ3hDcX\\_lgeXwcTLCQ&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC8Q6AEwAg#v=onepage&q=a%20escola%20tradicional&f=false](http://books.google.com.br/books?id=up9kYT_hH0YC&pg=PA10&dq=a+escola+tradicional&hl=pt-br&ei=81jpTJ3hDcX_lgeXwcTLCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC8Q6AEwAg#v=onepage&q=a%20escola%20tradicional&f=false)

melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação faz parte. É que lido com gente. (FREIRE, 1996, p. 144)

E lidando com gente, possivelmente nos tornaremos mais gente, mais humildes e mais abertos.

Este estudo não foi finalizado por aqui, ele abre muitas possibilidades de debates acerca deste tema, que é a autonomia, tanto do professor quanto do aluno. Ainda há que se discutir muito para que a mudança de fato ocorra.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Da ação à operação O caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_, Fernando. A epistemologia do professor – o cotidiano escolar. 1993.

Blog de Rosane Aragon de Nevado

<http://senaedpedagogiaead.wordpress.com/2009/05/31/arquiteturas-pedagogicas-no-pead/> acessado em 20/11/2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: *Introdução* (1º e 2º ciclos). Vol. 1 / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CINEL, Nora Cecília Bocaccio. **Centros de Interesse: estratégia utiliza multidisciplinaridade para o desenvolvimento global.** Publicado na Revista do Professor, Porto Alegre, n. 78, ano 20, p. 32-36, abr./jun. 2004.

Dicionário Aurélio On-line <http://www.dicionariodoaurelio.com/Educacao> acessado em 20/11/2010.

FAGUNDES, L. C. et al. Aprendizes do futuro: as inovações começaram. Cadernos Informática para a Mudança em Educação. MEC/ SEED/ ProInfo, 1999. Disponível em: <http://mathematikos.psico.ufrgs.br/download/aprender.zip>

[http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n\\_2/id02b.htm](http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n_2/id02b.htm) acessado em 21 de novembro de 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, SP. Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade.

\_\_\_\_\_, Paulo. Educação e mudança. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001b.

MAGDALENA, Beatriz Corso; COSTA, Iris Elisabeth Tempel. Internet em sala de aula: com a palavra, os professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORAES, R. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, R. LIMA, V.M.R. (Orgs.). Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.



VASCONCELOS, Mário Sérgio. A difusão das ideias de Piaget no Brasil. São Paulo. SP. Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. 1996.  
[http://books.google.com.br/books?id=up9kYT\\_hH0YC&pg=PA10&dq=a+escola+tradicional&hl=pt-br&ei=81jpTJ3hDcX\\_lgeXwcTLCQ&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC8Q6AEwAg#v=onepage&q=a%20escola%20tradicional&f=false](http://books.google.com.br/books?id=up9kYT_hH0YC&pg=PA10&dq=a+escola+tradicional&hl=pt-br&ei=81jpTJ3hDcX_lgeXwcTLCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC8Q6AEwAg#v=onepage&q=a%20escola%20tradicional&f=false)

Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/PBworks> acessada em 02 de novembro de 2010.